

a terra é redonda

Florestan Fernandes e o lugar de fala



Por PAULO FERNANDES SILVEIRA*

A biografia ímpar de Florestan forjou uma sociologia na fronteira entre o rigor acadêmico e a experiência visceral da pobreza, antecipando o debate contemporâneo sobre quem tem autoridade para narrar a opressão



Militantes do movimento negro que colaboraram com a pesquisa UNESCO.

"Que a pesquisa possa contar com pessoas que tenham realmente experiência, que não sejam estrangeiros que vêm estudar o problema aqui, mas pessoas que sofrem o problema na própria pele. Pessoas que sentem" (Florestan Fernandes, OBSERVAÇÃO [...], 1951, p. 541).

1.

O sociólogo francês Roger Bastide, que lecionou na USP entre 1938 e 1954, foi fundamental na formação de Florestan Fernandes. Um dos principais temas dos seus cursos e pesquisas era a sociologia do conhecimento (Bastide, 1944). Ao retornar para França, Bastide coordenou, na Sorbonne, o Laboratório de Sociologia do Conhecimento (Bastide, 1969).

a terra é redonda

Pioneiro nessa área das ciências humanas, Karl Mannheim (1986) depreende das análises marxistas do conceito de ideologia a tese de que a produção do conhecimento está vinculada à posição social da pesquisadora ou pesquisador.

Em seus textos biográficos, Florestan Fernandes resgata elementos de sua história de vida que destacam a relevância de sua posição social na elaboração de uma sociologia crítica e militante.

Até começar a estudar na USP, Florestan Fernandes fez parte dos estratos mais pobres da sociedade. Num livro sobre a educação no Brasil, Florestan Fernandes apresenta a sua posição social, nas palavras de Grada Kilomba (2019), ele apresenta o seu lugar de fala: “Tudo se passou como se eu me transformasse, de um momento para outro, em porta-voz das frustrações e da revolta de meus antigos companheiros de infância e juventude. O meu estado de espírito fez com que o professor universitário falasse em nome do filho da antiga criada e lavadeira portuguesa, o qual teve de ganhar a sua vida antes mesmo de completar sete anos, engraxando sapatos ou dedicando-se a outras ocupações igualmente degradadas, de maneira severa, naquela época” (1966a, p. XIX).

Numa entrevista, Florestan Fernandes relaciona suas experiências pessoais com suas primeiras pesquisas sobre o folclore: “Por condições da minha própria vida quando criança, do conhecimento dos bairros de São Paulo, dos contatos que eu tinha com certas pessoas, foi muito fácil para mim colher muito material” (2011, p. 29).

2.

Em seu estudo sobre os tupinambás, Florestan Fernandes encontrou elementos da cultura popular em que foi educado, tanto no âmbito de sua família, que tinha uma origem campesina, como nas relações de amizade que cultivou nos cortiços da Bela Vista.

Nas experiências de trabalho na infância, Florestan Fernandes conheceu o companheirismo de outras crianças que também precisavam ganhar a vida nas ruas. Ele encontrou nos tupinambás uma forma de solidariedade semelhante, solidariedade que se desenvolve nos momentos em que uma comunidade enfrenta coletivamente a fome: “os que não têm nada para dividir repartem com os outros as suas pessoas” (1976, p. 144).

O conteúdo dessa frase é semelhante ao de um verso “pretuguês” do rapper Emicida (2019): “tudo que nós tem é nós”.

A pesquisa UNESCO sobre o preconceito racial em São Paulo, que coordenou com Bastide, também evocou as experiências de Florestan: “Estabeleceu-se uma base de identificação psicológica profunda, em parte por causa do meu passado, em parte por causa da minha experiência socialista prévia” (2011, p. 72).

No projeto elaborado para a pesquisa, publicado em 1951, Roger Bastide e Florestan Fernandes elencam uma série de pesquisas realizadas por pessoas negras da Escola de Chicago sobre: “as condições de ajustamento inter-racial baseadas na segregação e em uma combinação dos regimes de castas e de classes” (1959, p. 323).

A Escola de Chicago ficou conhecida por desenvolver pesquisas empíricas com o emprego de observações, entrevistas e questionários (Mitchell, 2002). Essas metodologias também foram utilizadas por Roger Bastide e Florestan Fernandes na pesquisa UNESCO.

Provavelmente, o livro que mais marcou os textos de Bastide e Florestan sobre o preconceito racial tenha sido *An american dilemma*, fruto de uma pesquisa coordenada pelo economista e sociólogo sueco Gunnar Myrdal.

Apesar de ser um intelectual branco e estrangeiro, Gunnar Myrdal teve a colaboração de diversos pesquisadores negros norte-americanos, entre os quais, Clair Drake, um dos mais importantes pesquisadores da Escola de Chicago.

3.

a terra é redonda

No início dos anos 1970, em meio à campanha nas universidades norte-americanas em defesa dos direitos dos estudantes negros (Kendi, 2012), Robert Merton (1977) sustentou que o livro de Gunnar Myrdal poderia ser uma referência para as pesquisas que visam conciliar as perspectivas de pessoas de fora (*outsider*) e de dentro (*insider*) do contexto social.

No artigo “Aprendendo com a *outsider within*”, Patrícia Collins (2016) incorpora a proposta de Robert Merton de articulação das perspectivas *outsider* e *insider*.

Desde o início de sua carreira, Florestan Fernandes utilizou a sociologia do conhecimento de Robert Merton em suas pesquisas. Em 1966, Fernandes seguiu seus seminários na Universidade de Colúmbia (Fernandes, 1966b). Na reedição de *Social theory and social structure*, publicado em 1968, Robert Merton incluiu um texto de Florestan Fernandes nas referências bibliográficas.

A pesquisa UNESCO teve dois coordenadores, Roger Bastide, um intelectual branco e estrangeiro, ou seja, um *outsider*, e Florestan Fernandes, que também era branco, mas que, nos cortiços onde morou na infância, conviveu com parte da comunidade negra da cidade de São Paulo. Por outro lado, a pesquisa contou com a colaboração *insider* de diversos militantes do movimento negro.

Alguns militantes que colaboraram com a pesquisa, como o jornalista José Correia Leite, tinham histórias de vida semelhantes à de Florestan Fernandes (Leite; Moreira, 2025).

A pesquisa UNESCO partiu da hipótese de que o preconceito racial existe e promove uma série de barreiras às pessoas negras: para terem acesso à moradia, ao estudo e ao trabalho. Isso Florestan não aprendeu nos livros. Ele conheceu essa realidade no convívio que teve com pessoas negras com quem viveu e trabalhou desde menino.

Um dos temas principais da pesquisa foi a pobreza na comunidade negra, Florestan Fernandes conhecia bem essa situação a partir de sua própria experiência pessoal.

Na Coleção Especial do Fundo Florestan Fernandes, da Biblioteca Comunitária da Universidade Federal de São Carlos, encontram-se os registros das diversas mesas de debates promovidos pela pesquisa UNESCO com militantes do movimento negro.

Numa dessas mesas, o militante e poeta Carlos de Assumpção (Silva, 2024) sustentou que: “quem melhor pode dizer sobre o preconceito é o negro, porque é ele quem o sente” (OBSERVAÇÃO[...], 1951, p. 213). Algumas semanas depois, em outra mesa de debates, Florestan reforçou essa mesma posição.

No artigo “Essencialismo e experiência”, ao se referir à biografia da indígena guatemalteca Rigoberta Menchú (Burgos, 1986), bell hooks (2013) analisa a importância e a especificidade do conhecimento construído a partir da relação entre as experiências e as paixões.

A infância humilde de Florestan lhe forneceu um lugar de fala junto às pessoas pobres, todavia, ele não poderia falar, especificamente, em nome das pessoas negras, pois não sentiu o preconceito racial na própria pele.

***Paulo Fernandes Silveira** é professor da Faculdade de Educação da USP e pesquisador no Grupo de Direitos Humanos do Instituto de Estudos Avançados da USP.

Referências

BASTIDE, Roger (1969). Prologo. In. BASTIDE, Roger; BERQUE, Jacques; CAZENEUVE, Jean; FAYE, Jean-Pierre; MEMMI,

a terra é redonda

Albert; MAUCORPS, Paul; ROUMEGUERE-EBERHARDT, Jacqueline. *Lecturas de sociología del conocimiento*. Barcelona: Ediciones de Cultura Popular, p. 9-13.

BASTIDE, Roger (1944). A teoria sociológica do conhecimento, *Revista Sociologia*, v. 6, n. 4, 269-281.

BASTIDE, Roger; FERNANDES, Florestan (1959). *Brancos e negros em São Paulo*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.

COLLINS, Patrícia (2016). Aprendendo com a *outsider within*: a significação sociológica do pensamento feminista negro, *Revista Sociedade e Estado*, v. 31, n. 1, 99-127. Disponível aqui: <https://www.scielo.br/j/se/a/MZ8tzzsGrvmFTKFqr6GLVMn/?format=html&lang=pt>

EMICIDA (2019). *AmarElo*. São Paulo: Laboratório Fantasma.

FERNANDES, Florestan (2011). Entrevista: Florestan Fernandes, *TRANS/FORM/AÇÃO: Revista de Filosofia*, n. 34, 25-106. Disponível aqui: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/transformacao/article/view/1060>

FERNANDES, Florestan (1976). Em busca de uma sociologia crítica e militante. In. FERNANDES, Florestan. *A sociologia no Brasil*: contribuição para o estudo de sua formação e desenvolvimento. Petrópolis: Vozes, p. 140-212.

FERNANDES, Florestan (1966a). Prefácio. In. FERNANDES, Florestan. *Educação e sociedade no Brasil*. São Paulo: Dominus; EDUSP, p. XV-XXIII.

FERNANDES, Florestan (1966b). *Correspondência*. Destinatário: Charles Wagley, 25 jan. 1966. N° do Item documental: 09.AD.01.003. Coleção Especial do Fundo Florestan Fernandes. Biblioteca Comunitária da Universidade Federal de São Carlos (BCo/UFSCar), São Carlos.

hooks, bell (2013). Essencialismo e experiência. In. hooks, bell. *Ensinando a transgredir*: a educação como prática da liberdade. São Paulo: WMF Martins Fontes, p. 105-125.

KENDI, Ibram (2012). *The Black campus movement*: black students and the racial reconstitution of higher education, 1965-1972. New York: Palgrave Macmillan.

KILOMBA, Grada (2019). *Memórias da plantação*: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó.

LEITE, José; MOREIRA, Renato (2025). Movimentos sociais no meio negro (1910-1940), *A terra é redonda*. Disponível aqui: <https://aterraeredonda.com.br/movimentos-sociais-no-meio-negro-1910-1940/>

MANNHEIM, Karl (1986). *Ideología e utopía* (Uma introdução à sociologia do conhecimento), Rio de Janeiro: Guanabara.

MERTON, Robert (1977). Las perspectivas de 'los de adentro' y 'los de afuera'. In. MERTON, Robert. *La sociología de la ciencia*, 1. *Investigaciones teóricas y empíricas*. Madrid: Alianza Editorial, p. 156-201.

MERTON, Robert (1968). *Social theory and social structure*. New York: The Free Press.

MITCHELL, Michael (2002). Atitudes raciais: explorando possibilidades de comparação entre Brasil e Estados Unidos, *Cadernos CRH*, n. 36, 19-47. Disponível aqui: <https://periodicos.ufba.br/index.php/crh/article/view/18629>

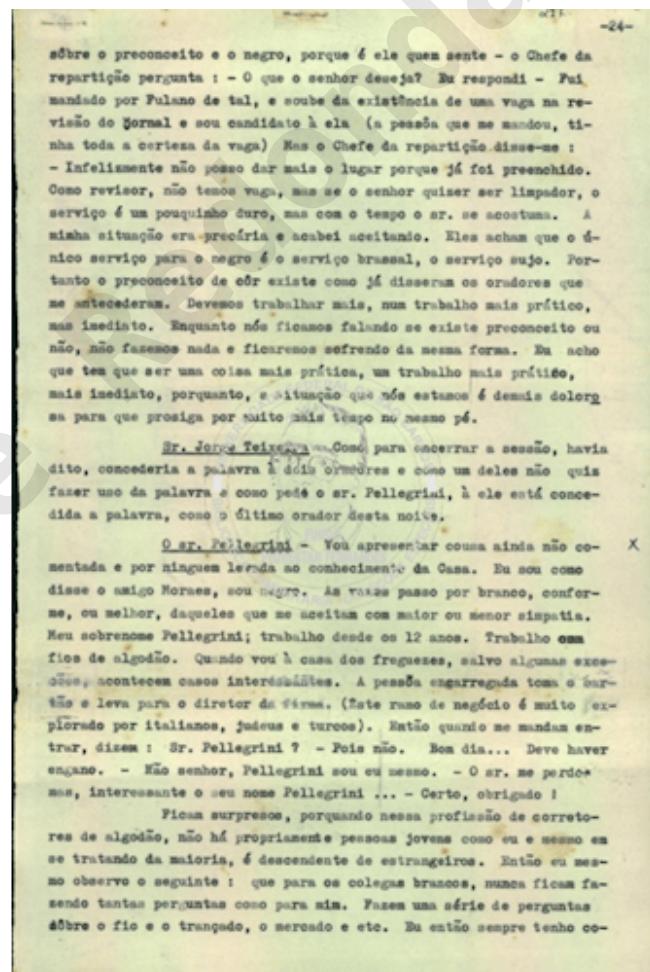
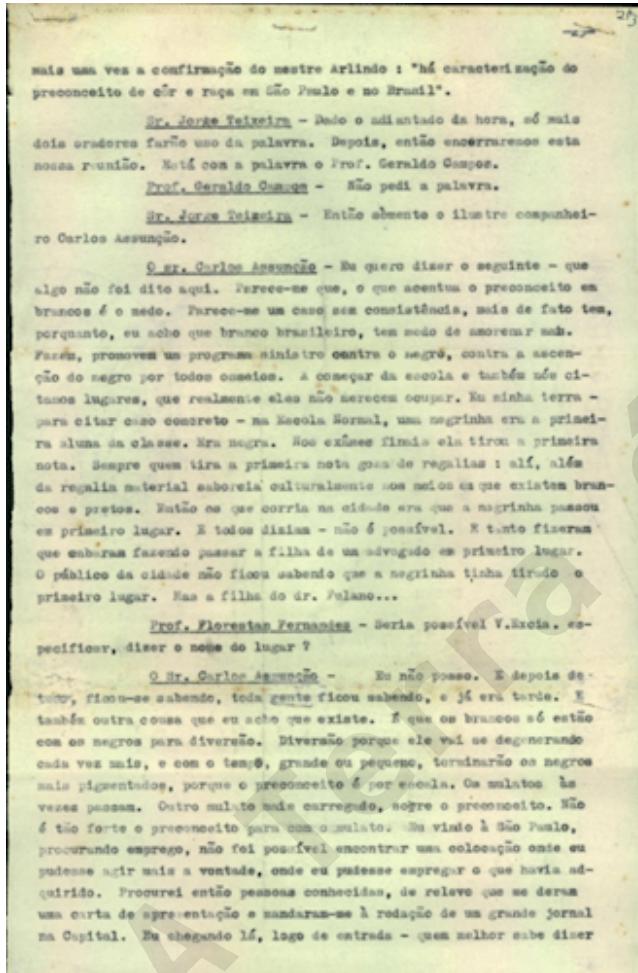
MYRDAL, Gunnar (1944). *An american dilemma*: the negro problem and modern democracy. New York; London: Harper & Brothers.

a terra é redonda

OBSERVAÇÃO em massa [situação grupal] (1951). N° do Item documental: 4531. Coleção Especial do Fundo Florestan Fernandes. Biblioteca Comunitária da Universidade Federal de São Carlos (BCo/UFSCar), São Carlos.

RIBEIRO, Djamila (2017). *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento Justificando.

SILVA, Mário (2024). Experiências sociais de ativistas da Associação Cultural do Negro (1954-1976) e a contribuição do associativismo negro paulistano para o pensamento social brasileiro, *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 89, e10721-23. Disponível aqui: <https://www.scielo.br/j/rieb/a/Dpr3xngRJtX7LHvBcszrSJn/?lang=pt>



(OBSERVAÇÃO [...], 1951, p. 213 e p. 217).

a terra é redonda

Dr. Francisco Moraes - Eu queria dar uma explicação pessoal. Eu vinha disposto hoje a pedir a essa, permissão para me licenciar por alguns tempos. Entretanto, como essa discussão do trabalho do Dr. Sant'Anna deve continuar na pauta por algum tempo, eu me reservarei para fazer esse pedido após o encerramento da discussão, a não ser que ela se prolongue por muito tempo.

Prof. Geraldo Campos - Diante desse pedido de licença, eu solicitei o deságüe do nobre companheiro, no sentido de garantir que elaboraria o trabalho que lhe foi confiado, e que até lá estou esperando : o projeto de regimento. Encerrejo o pedido.

Dr. Francisco Moraes - É justo. Pela mesma razão que quero licenciar-me, ainda não elaborei esse trabalho. Ainda não é fim por falta de tempo, entretanto, farei por apresentá-lo à Casa antes de me licenciar.

Prof. Florestan Fernandes - Eu queria fazer um apelo aos senhores no sentido de que o depoimento pessoal que foi solicitado a cada uma das pessoas, seja entregue o mais depressa possível. Não estamos fazendo a pesquisa, através desses depoimentos de questionários, através de entrevistas de vários tipos e ainda por outros meios como, por exemplo, através de documentos históricos. Não estamos trabalhando exclusivamente com material que vamos aproveitar aqui. Isso é mais vivo, mais importante e, entre eles deve-se destacar o material que vem através dos depoimentos pessoais. Se nós pudermos contar com uns 50 ou 40 depoimentos que sejam depoimentos dentro de tal esquema que foi fornecido aos Senhores, nós teremos elementos, uma análise mais completa, mais objetiva de problema que nos compete investigar agora. Queria fazer um apelo às pessoas que já, tópicas aquelas normas, as perguntas, as questões, que entrem em contacto connosco, quanto à maneira pela qual devem a sua contribuição. Se um Senhor entregou o seu depoimento. Foi o Sr. Corrêa, alíás de uma forma completa e meticolosa e, ele não é exceção. Sei que outros depoimentos seguirão a mesma norma. Justamente o que eu queria. Se os depoimentos chegarem muito tarde, não poderemos elaborar para essa pesquisa, não adiantará nada.

Queria pedir à todos os Senhores que queiram colaborar connosco que fizessem o deságüe de nos entregar as respostas, e se não puderem fazer por escrito, entrem em contacto connosco que

disponham de pessoas que tomariam nota das coisas que tratarem. Se precisarem de outros esclarecimentos, nós estamos inteiramente à disposição. O que precisamos é que os depoimentos sejam realizados. Se as pessoas não quiserem também digam, - não vamos fazer por essa ou aquela razão - Não nos cumpre entrar no mérito das questões. Aquelas que não receberam terão à sua disposição novas questionárias, questões que já providenciamos na Faculdade de Filosofia. De modo que é necessário que esta parte de trabalho progride mais. É indispensável mesmo que cada um dos Senhores que possa prestar essa colaboração, faça esse pequeno esforço para que a pesquisa possa contar com pessoas que têm realmente experiência, que não são estrangeiros que vêm estudar o problema aqui, são pessoas que sofreram o problema fora da pele. São pessoas que sentem. Por isso faço esse apelo de novo porque, sem esses depoimentos, a nossa pesquisa será seriamente limitada. Poderemos fazer um trabalho para a Unesco sólido com debates mas, essa documentação escrita é mais importante : formação, atitudes raciais, reação dessas atitudes básicas no meio de pessoas que são ofendidas pelo preconceito racial. É um depoimento para um manancial de....

Era o que eu tinha a dizer.

Dr. Jorge Teixeira - Peço licença para desejar que a próxima reunião seja mais quentinha, como a anterior.

Dr. Vieira dos Santos - Agradecendo a minha elevação ao cargo de presidente nesta sessão, agradecendo todos os trabalhos feitos nesta reunião eu....

Dr. Jorge Teixeira - Peço licença ante essa interrupção, seja assunto importante; trata-se de uma comissão feminina que não estamos formando para discutirmos sobre a situação da mulher negra, de uma maneira mais ou menos específica. Essas reuniões têm sido realizadas na Faculdade de Filosofia. Apelo à todas as Senhoras presentes que queiram prestar sua colaboração, no sentido de ilustrar melhor o assunto, que entrem em contacto com a Prof. Sofia de Campos, srta. Aparecida Camargo ou srta. Maria Helena Barbosa para que com elas seja o grupo formado de modo a dar um ritmo melhor às atividades da Comissão Feminina.

Dr. Vieira dos Santos - Presidente - Agradecendo o comparecimento e cooperação de todos, encerrando esta reunião, convidamos para a próxima.

(OBSERVAÇÃO [...], 1951, p. 541 e p. 545).

A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.

Ajude-nos a manter esta ideia.

[CONTRIBUA](#)